
24/6/19 COMMODITIES, MEIO AMBIENTE E NOSSO FUTURO

[24/6 17:48] Manfredo Winge:

[Cinquenta empresas do agronegócio devem R\$ 200 bilhões à União

DE OLHO NOS RURALISTAS 2/7/2019]:

<https://deolhonosruralistas.com.br/2019/06/23/cinquenta-empresas-do-agronegocio-devem-r-200-bilhoes-a-uniao/>

[24/6 17:48] Manfredo Winge: Alguém quer comentar? ou contradizer?

Pretendo utilizar em discussões sobre *commodities business* e o meio ambiente que penso em publicar na internet. Com nível, por favor.

=====

Adendo à [CONCLUSÃO](#) em 8/8/20: [A SUPERANÇA DA DEPENDÊNCIA](#)

Adendo2 à [CONCLUSÃO](#) em 11/9/20: [ENTREVISTA COM MARCELO GLEISER](#)

Adendo3 à [CONCLUSÃO](#) em 10/10/21: [A ARMADILHA DAS COMMODITIES](#)

Comentários & Réplicas

[24/6 18:02] Alex Lau: Assis Moreira (Valor, 29/06/18) informa: um grupo de 51 países, incluindo dez grandes emergentes, gastaram em média US\$ 620 bilhões por ano para subvencionar seus agricultores no período de 2015 a 2017, com destaque novamente para a China. Conforme relatório da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o apoio total fornecido por Pequim ao setor agrícola totalizou US\$ 263 bilhões por ano nesse período, representando 88,5% de todo o subsídio dado pelos dez grandes emergentes pesquisados.

Após duas décadas de crescimento gradual, os subsídios dados pela China a seus agricultores se estabilizaram nos últimos anos, mas ainda representam 2,3% do Produto Interno Bruto (PIB): duas vezes mais alto que a média da ajuda dos países industrializados ao setor.

O apoio do governo chinês passou de 3% há duas décadas para mais de 15% da receita bruta dos agricultores atualmente. Ainda fica abaixo do subsídio dado pelos países industrializados. Estes garantem 8% do embolsado pelos agricultores. No Japão, Coreia do Sul, Noruega, Suíça e Islândia, cerca de 45% da receita bruta do setor, na média, continua a vir dos cofres públicos.

Em comparação, no Brasil, um dos maiores produtores e exportadores mundiais, a ajuda governamental cresceu, mas representa menos de 3% da renda do agricultor e apenas 0,3% do PIB. O subsídio agrícola no Brasil é relativamente diminuto face às experiências de outros países. Nos Estados Unidos, atinge 18%. Na Europa, chega a 34% dessa renda.

No Brasil, o subsídio agrícola está, basicamente, no crédito — e não tanto no prêmio de seguro agrícola parcialmente pago por governo. O crédito rural possui taxa de juros não só abaixo da taxa de referência do mercado de dinheiro, como também chega a ser inferior às variações do índice geral de preços. Terá sido o recorrente perdão da dívida rural, quando o governo de plantão é pressionado pela bancada ruralista no Congresso Nacional, contabilizado também como subsídio? Na União Europeia, as subvenções agrícolas, que atingiram US\$ 132 bilhões por ano entre 1995 e 1997, caíram para US\$ 107 bilhões entre 2015 e 2017. Nos EUA, ocorreu o contrário: passaram de US\$ 48,2 bilhões para US\$ 94 bilhões entre os dois períodos.

Subsídio Agrícola no Mundo: Guerra Comercial no Mercado de Commodities

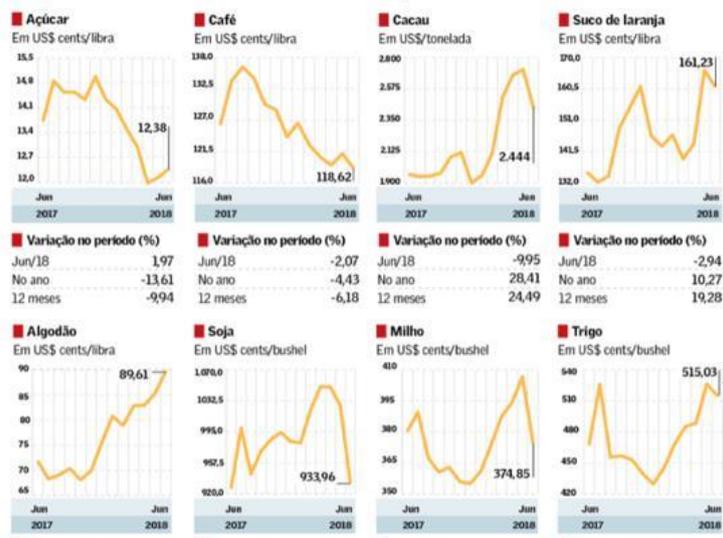


Fernando Nogueira da Costa

11 meses ago

Commodities agrícolas

Cotações médias mensais* nas bolsas de Nova York e Chicago



[24/6 18:07] Manfredo Winge: Subsídio é outra questão. É o que devem que está em jogo. É mentira? Se não for mentira, não devem pagar logo pra aliviar o Caixa Brasil que está *esmilinguado*?

[24/6 18:09] Alex Lau: Esses “perdão” de dívidas, acaba sendo um subsídio, desde sempre...

[24/6 18:11] Alex Lau: Os plantadores de arroz por exemplo, dizem que custa mais caro a produção que a saca...

[24/6 18:11] Alex Lau: Cachoeira do Sul quebrou com o arroz...

[24/6 18:12] Alex Lau: É uma equação complicada!

[25/6 19:17] Manfredo Winge: Alexandre, o arroz pelo menos serve para nós comermos por aqui, mas incentivos para seu cultivo está preterido nas políticas de

apoio governamental (ao que me parece, visto reclamações dos arrozeiros que ouvi na rádio). A China tem razão em dar subsídios para o agronegócio dela, pois o retorno, em grande parte, será para matar a fome dos próprios chineses que beiram, hoje, cerca de 1,5 bilhões de habitantes. Já os nossos megaempreendimentos da soja, gado, minério de ferro,... para exportação tem uma bancada forte, com muitos recursos e organizada no legislativo e executivo. Contaram sempre com fortíssimo apoio dos governos por conta do seu poder financeiro e porque, com a grana que entra, melhoram-se as condições de nossa balança a qual, eternamente desbalanceada, leva-nos 40% (?) dos recursos orçamentários para pagar uma dívida eterna e que, ao que me consta, nunca foi devidamente auditada. Ocorre que a produção dessas commodities, para compensar seu baixo valor/peso ou volume, precisa ser exportada em enormes quantidades (economia de escala) por causa do baixo valor agregado para serem competitivas no mercado internacional. Isto torna muito altos os custos de infraestrutura, fretes, enfim de toda a logística envolvida na geração, transporte e comercialização dessas mercadorias. Os seus executivos fazem ginástica para que rendam o máximo, muitas vezes com prejuízo de protocolos mínimos de segurança humana e ambiental (remember Mariana e Brumadinho). Destaca-se, também, que levam embutidos custos financeiros e sociais significativos referentes à energia e água necessários para a produção. Além disso, deixam resíduos tóxicos de pesticidas nas glebas cultivadas e áreas circunvizinhas, envenenando as águas correntes de córregos, riachos e rios e as subterrâneas do local e de aquíferos (Guarany no Centro Oeste, Alter do Chão na Amazônia...), afetando, assim, em vários casos, fazendas vizinhas de outros cultivos e o resto de matas de preservação necessária e importante para proteção do próprio negócio, mas que muitos fazendeiros não respeitam por ignorância, descrença dos protocolos corretos e/ou cupidez, dando, assim, “tiro no próprio pé”. Este envenenamento geral resulta em mortandade de insetos, larvas, minhocas, pássaros, fauna em geral, sendo que muitas dessas espécies biológicas, como as abelhas, libélulas, besouros, são benéficas para polinização e outras para combater pragas da própria plantação e da mata protetiva circundante e/ou de matas galerias dos riachos. Esta destruição desnecessária do meio ambiente torna o solo fraco e de progressivamente mais fácil erosão a cada chuva, podendo até formarem-se ravinas e bossorocas. Assim, além de prejudicar o plantio e detonar com a gleba a ser cultivada, a erosão irá exigir correções do solo (calagem, rochagem, fertilizantes), muitas vezes com abandono da área degradada. Tudo isto e muito mais como, por um lado, a diminuição da “caixa d’água”, existente no próprio solo da propriedade abaixo do lençol freático que é

rebaixado devido à erosão e, por outro lado, com o entupimento dos canais de rios e riachos pelos sedimentos da erosão, diminuindo, também, a quantidade de água no fluxo do rio.

Os conhecimentos científicos de manejo e correção de solo, junto com a automação crescente em algumas propriedades, realmente aumenta a produtividade da fazenda, mas exige cada vez menos mão de obra ocasionando, assim, baixo retorno social em empregos. Na verdade, como nosso sistema de transporte é rodoviário, essas exportações muito volumosas de bens primários resultam em altos custos de manutenção de estradas, dos veículos de combustíveis, etc. Tudo isso para enriquecer “meia dúzia” de donos dessas imensas glebas, consumindo também vários subsídios de recursos que poderiam atender outras prioridades, social e economicamente, mais rentáveis.

Não podemos esquecer os conhecimentos científicos, obtidos em várias pesquisas do INPE e outras que demonstram os efeitos climatológicos da circulação de nuvens compostas de vapor d’água resultante de evapotranspiração da densa floresta da Amazônia que se deslocam (os “rios voadores”) em alta atmosfera para sul e vão cair e irrigar os rincões do centro-oeste, centro e sudeste brasileiros que, beneficiados, tem hoje forte desenvolvimento agropecuário. Entretanto, os criminosos desmatamentos mudarão, não só a Amazônia, mas o clima de grande parte do Brasil. Assim, cortadas estas árvores produtoras de água das nuvens (300 a 1.000 litros água/árvore/dia o que daria mais água circulante nos rios voadores do que à da vazão do próprio Rio Amazonas segundo algumas estimativas), as regiões hoje beneficiadas pelas chuvas, tornar-se-ão desertos como ocorre em várias regiões subtropicais do mundo (desertificação de regiões de latitudes médias devido ao processo de circulação atmosférica modelo “célula de Hadley”).

É bem evidente, assim, que a nossa macro política econômica está toda errada ao nos manter no atraso cada vez maior de focar venda de produtos primários (obs. não sou economista). Exportar e gastar recursos públicos fundamentalmente para exportação de bens primários em mercado cada vez mais competitivo, mesmo para as commodities, é errar o objeto do alvo.

CONCLUSÃO:

Ao invés de subsídios e favorecimentos para a produção de *commodities* para a exportação, temos é que planejar bem e priorizar investimentos substanciais em ENSINO, PESQUISA, CULTURA, TECNOLOGIA (=EDUCAÇÃO COM CIDADANIA) para:

1 – todo o cidadão/cidadã ter conhecimentos suficientes para conseguir emprego para sustentar a si e a família;

2 - termos profissionais competentes em todos os níveis para alavancar, com competência de gestão e de boa mão de obra, a indústria que está mambembe bem como milhares a milhões de empreendimentos que estão se abrindo face à 4a revolução sócio-técnico-econômica;

3 - termos a maioria do povo instruída ao ponto de não mais votar em candidatos que vimos tendo de engolir e, pior, sempre errando a cada nova eleição;

4 - definirmos as nossas corretas prioridades para planejarmos e desenvolvermos os nossos projetos e rotinas através de pessoas (funcionários de carreira) qualificadas para a gestão, execução e fiscalização específica de cada ação pública, sob responsabilidades bem definidas (e com CPF's), controles de prazos e de custos, perfeita e transparentemente definidos;

5 - com isso tudo, mudarmos nossa economia e cultura para espalhar pelo país todo e pelo mundo os nossos melhores resultados em patentes, software, alimentos, produtos, serviços diversos, música, cinema, teatro, novas técnicas de educação e produção sustentável de bens, etc., decorrentes de nossas pesquisas científicas e culturais, entre outras que valorizam o atendimento às necessidades humanas com vista à crescente equidade e felicidade das pessoas, sem as desarmonias e distopias que vêm nos afetando de forma muito perigosa mundo afora com “pseudo salvadores da pátria” de tendências totalitárias e antidemocráticas.

Abraço

Manfredo

Adendo à [CONCLUSÃO](#) em 8/8/20: Ao encontro dessas notas conclusivas, acrescento cópia de artigo do Eng. Adão Villaverde postado na página a seguir:

©ARTIGO | 03/06/2020 às 15h17 – Publ. *SENGERS* e *ZERO HORA*

<https://www.sengers.org.br/noticia/5095/artigo-a-superacao-da-dependencia>

[Obs. Tenho postado muitos links para textos importantes como este, mas vários sites vêm sendo cancelados ("volatilizados" no universo cibernético). Assim, visando garantir a preservação futura desta memória importante, o texto é copiado abaixo, mas recomendo acessar o link acima para ver a fonte original e completa. Manfredo Winge]

A SUPERAÇÃO DA DEPENDÊNCIA

Adão Villaverde ()*

A dependência e a subordinação técnico-econômicas reproduzem sempre modelos cruéis para qualquer sociedade. Isto sociologicamente já havia sido identificado na terça parte final do século passado, por pensadores da qualidade de Celso Furtado, Caio Prado Jr, Fernando Henrique Cardoso, entre outros, que desenvolveram a teoria do quanto isto era nefasto ao país.

Passados alguns anos, vemos que marcamos passo, ou regredimos, ainda que reconheçamos que neste entremeio, houve esforços importantes. Mas ficaram nos marcos de governos e não se transformaram em orientação de soberania de Estado.

Infelizmente, a crise da covid revelou que ainda estamos na dependência de importações até de máscaras para proteger a população. Mesmo que não nos faltasse matéria-prima para tal e, quanto mais, habilidades para produzi-las. Continuamos apostando em commodities segmentadas, quando o mundo já está na indústria 4.0, agregando valor para suas sociedades. E aqui com abundantes fontes, que poderiam nos dar capacidade e competitividade para disputar até com os mercados asiático e americano, ainda somos reféns da subordinação, agravada por um anticientificismo obscurantista, instalado nas estruturas de poder, emanado sobretudo do próprio chefe de Estado.

São urgentes amplos e desarmados debates, com conteúdos e amparados em evidências científicas e econômicas, para nos transformarmos em um modelo independente, soberano de desenvolvimento e com democracia. Capaz de nos fazer crescer, gerar valor, enfrentar as desigualdade e melhorar a vida das pessoas. Sobretudo em bases aos ativos da sociedade do conhecimento, como a inteligência, a criatividade, a cooperação, a colaboração, a inovação e o empreendedorismo solidário.

Para isto, a modernamente intitulada "quíntupla hélice", necessita "romper seus muros" e trabalhar de forma sinérgica para a superação da dependência. Evitando que se reproduza no terço final deste século o mesmo que aconteceu no passado. Para que não sejamos responsabilizados do ponto de vista histórico como coniventes, sobretudo pelas gerações que nos seguirão.

(*)*Por: ADAÃO VILLAVERDE*

Professor, engenheiro, ex-secretário de Estado, ex-presidente da AL-RS |

adaorrvillaverde@gmail.com

Adendo 2 à CONCLUSÃO em 11/9/20: ENTREVISTA COM MARCELO GLEISER

Coincidindo com os pontos de vista das conclusões, ver o **EXCERTO DE ENTREVISTA em 13/07/19** do jornalista **Daniel Salgado** com o físico **Marcelo Gleiser** publicada em: © GLOBO.COM - https://epoca.globo.com/sociedade/a-ciencia-tem-um-componente-espiritual-profundo-diz-marcelo-gleiser-23798065?utm_source=Whatsapp&utm_medium=Social&utm_campaign=compartilhar :

“O novo governo do Brasil tem tido uma relação conturbada com diversos setores da ciência nacional. O que você acha que vem para o futuro da ciência do Brasil?

- Em uma palavra, acho isso tudo trágico. O ministro Marcos Pontes disse que o CNPq só tem dinheiro para pagar bolsas até setembro. Isso é absolutamente devastador para a ciência brasileira. E, pra mim, é trágico por vários motivos.

Primeiro, você olha para o mundo. Nos anos cinquenta, a Coreia do Sul era um dos países mais pobres do mundo. E hoje? Todo mundo tem Samsung, LG, Kia... Eles apostaram direto na educação, na engenharia, na ciência e na matemática. Vamos olhar para a China e Índia, hoje. A Índia investe bilhões e bilhões em ciência, constrói parques universitários e de tecnologia, estão repatriando todo mundo. Os chineses e indianos estão trazendo os cientistas de volta pois sabem muito bem que quem vai determinar o futuro da humanidade são os países que detêm a tecnologia de ponta em ciência e engenharia. Ponto final. Não tenho dúvida disso.

E o que Brasil está fazendo? Está se condenando a continuar sendo aquele país de extrativismo colonial, que é desde a época dos portugueses. O que se faz no Brasil? Temos agropecuária, petróleo, gás, ouro e ferro. Uma economia de extração, ao invés de ser uma de criação, de geração de informação. É um país que está olhando para o passado. Tudo bem ter uma agropecuária forte, não tem nada errado nisso. Não é nem oito nem oitenta. É preciso um equilíbrio, e isso não está acontecendo. Para mim, isso vai gerar uma dependência tecnológica seriíssima do Brasil no futuro.

Triste, também, pois vai comprometer essa geração que hoje tem de 20 a 30 anos. Ela é super criativa, cheia de inovação e não poder competir com o resto do mundo. E o que ela vai fazer? Querem que todos se tornem fazendeiros ou trabalhem na Petrobras? Não dá.”

Adendo3 à CONCLUSÃO em 10/10/21: A armadilha das commodities

A armadilha das commodities (relatório da UNCTAD - 2021)

De: Iran Machado

Enviada em: domingo, 10 de outubro de 2021 12:33

Para: undisclosed-recipients:

Assunto: A armadilha das commodities (relatório da UNCTAD - 2021)

<https://unctad.org/webflyer/commodities-and-development-report-2021>

Meus prezados,

Este relatório aborda a dificuldade existente para um país se desvencilhar da armadilha das commodities. A receita proposta pela UNCTAD de Tecnologia + Inovação irá beneficiar, na imensa maioria dos casos, apenas o andar superior das empresas e seus acionistas, *as usual*.

No caso específico do Brasil, é evidente que estamos seguindo a trajetória contrária. Nos últimos 20 anos estamos ampliando a dependência das commodities, o que beneficia grandes empresas, seus acionistas e o bônus da diretoria. No caso da mineração, ela é intensiva em capital, de modo que os empregos gerados não representam um contingente significativo da população dos municípios mineradores. Acrescente-se que a CFEM permanece abaixo da média mundial dos royalties arrecadados pela mineração.

A devastação da Amazônia e o plano sinistro da penetração acelerada nos 16.000 km da Faixa de Fronteira representam o sonho dos mineradores irresponsáveis e falsos desenvolvimentistas, contando com o aval do governo de plantão. A aceitação desse plano por alguns povos indígenas é resultado de uma manobra de incalculável ignomínia. O afrouxamento da legislação ambiental age na direção contrária aos compromissos assumidos pelo Brasil na Conferência do Clima em Paris.

Olhando para o futuro, num cenário de crescente desindustrialização, a economia nacional ficará estagnada numa situação que perpetua a Casa Grande & Senzala, com o afunilamento crescente da classe média. Os rentistas continuam felizes ganhando o jogo, em detrimento da classe trabalhadora precarizada.

Ou seja, a injustiça social se aprofundará e, junto com a IoT, Inteligência Artificial, Indústria 4.0, robótica, 5G e outras ferramentas modernas, o caos social virá a galope.

Somente um esforço coletivo em prol da melhoria dos índices socioeconômicos da nossa sociedade irá redirecionar o Brasil para o futuro almejado por todos nós.

Abs,

Iran

ENCAMINHAMENTO POR WHATSAPP PARA DIVULGAÇÃO E DISCUSSÃO

[11/10 9:48 PM] Manfredo Winge: A armadilha das commodities (relatório da UNCTAD - 2021) - em COMMODITIES, MEIO AMBIENTE E NOSSO FUTURO

Prezado amigo e colega Iran,
conforme combinamos postei este teu email com *link* para essa importante matéria da armadilha, em que entramos, na página:

COMMODITIES, MEIO AMBIENTE E NOSSO FUTURO:

<https://mw.eco.br/zig/zap/190624CommoditiesMeioAmbiente.pdf>

Vista a importância deste assunto divulgarei essa atualização para muitos contatos, incluindo políticos (será que lerão?), colegas e amigos.

Aproveito para reproduzir uma digressão que se relaciona ao assunto e postada com outras em <https://mw.eco.br/zig/PENSE.pdf> :

País que “incentiva (\$\$?)” a produção de commodities, ao invés de investir maciçamente no ensino e pesquisa e desenvolvimento industrial e de serviços transformadores, será escravo desse mercado de pouco valor agregado e altos custos e terá, sempre, desequilíbrios econômicos, políticos e sócio ambientais. [Manfredo Winge – abr 2020].

Forte abraço

Manfredo

[12/10 5:54 AM] Cezar Gouvea: Os "desequilíbrios econômicos, políticos..." podem ser revertidos, os sócio ambientais, produzindo multidões de párias, e áreas continentais desertificadas, assim permanecerão por várias gerações.

[12/10 12:01 AM] Bruno Winge: As commodities poderiam alavancar o desenvolvimento financiando ciência e tecnologia, e assim promover um desenvolvimento sustentável. E com isso um ciclo onde seja possível ir minimizando a dependência de produtos com pouco valor agregado. Mas fica difícil quando se tem um desgoverno negacionista. Onde a máxima é destruir tudo e "refazer" o país enquadrando-o na bitola estreita das mentes dos ocultistas.

[12/10 6:41 AM] Manfredo Winge: Bruno, isto seria uma política de Estado, pois raras seriam as empresas que abdicariam de parte de seus lucros para investimentos públicos sem compensações. Talvez se fossem estimulados por vantagens. Hoje, muitos agronegociistas, escorados por políticos "lenientes" e pela abulia de grande parte da população (que não sabe ou não entende que a boa crítica é parte do processo democrático), persistem e, por ignorância talvez, amplificam as más práticas de abuso ou mau uso de agrotóxicos, de desmatamento de tratos florestais nativos importantes até pra eles, acabando com nascentes de água, envenenando o solo, rios, abelhas, peixes, pessoas, ..

[12/10 3:04 PM] Bruno Winge: Sim, o país como um todo deveria estar ciente do rumo a ser dado a suas riquezas.

Voltar para [Whatsapp Pickles](#) Ir para o [SITE](#)



ENVIE SEUS COMENTÁRIOS

Caro internauta. A sua participação com comentários, sugestões, **críticas**... é sempre bem vinda e poderá ser postada, **caso o texto**, coerente com o assunto abordado, tenha redação adequada a um *forum* de debates pautado no bom senso - clique na caixa de correio e envie, indicando o assunto como título do texto e torne-se um confrade da CONFRARIA DEMOCRÁTICA DO BOM SENSO - CLIQUE ***Para informar ou cancelar seu endereço de e-mail***

Para localizar qualquer assunto ou nome pressione 'Ctrl' e 'F' simultaneamente e digite parte da palavra procurada no quadro que se abre